

Juan Antonio Mayans y Siscar [1718-1801], «editor» de Frei Marcos de Lisboa: a introdução às Crónicas dos Frades Menores (1788).

«Los adelantamientos de las letras estan fundados en la
magnificencia de las impresiones»

J. A. Mayáns y Siscar, Carta a Frei Manuel do Cenáculo, 9-V-1785.

No contexto das relações eruditas Espanha-Portugal¹, ao longo do século XVIII, o nome Mayans y Siscar evoca, imediatamente, a larga, importante e interessante correspondência que D. Gregorio Mayans y Siscar [Oliva, Valencia, 1699 -Valencia, 1781] manteve com os portugueses D.

1 Para usar a sugestiva formulação de Marie-Hélène Piwnik que estuda em *Echanges erudits dans la Péninsule Ibérique (1750-1767)* - Lisboa, F.C.G., 1987 - não apenas as relações entre academias, mas também a correspondência entre eruditos portugueses e espanhóis, com especial destaque, pelo que nos importa, para a troca de missivas entre D. Gregorio Mayans e Frei Manuel do Cenáculo. Da mesma estudosas e no mesmo âmbito vejam-se ainda: «Un épisode des relations intellectuelles entre l'Espagne et le Portugal au XVIIIe siècle: la correspondance adressée par les frères Mohedano, Provinciaux du Tiers-Ordre Régulier de Saint François en Andalousie à Manuel do Cenáculo, évêque de Beja. Essai d'une chronologie, principaux aspects» in *Arquivos do Centro Cultural Português*, XI, Paris, F. C. G., 1977, 213-254; «Voyages au Portugal de quatre religieux espagnols du Tiers-Ordre de la Pénitence (1773)» in *Bulletin des études portugaises et brésiliennes. Nouvelle série*, t. 39 e 40, Paris, 1978-1979, 25-84; «Les souscripteurs espagnols du P. Teodoro de Almeida (1722-1804)» in ibid, tomo 42, Paris, 1981, 115-157; «Les membres portugais de la Royale Académie d'Histoire de Madrid» in *Arquivos do Centro Cultural Português*, XVII, Paris, F. C. G., 1982, 115-157; «Images de la culture pombaline dans l'Espagne des Lumières» in «o Marquês de Pombal e o seu tempo», *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1982, 343-379; «Les deux voyages de F. Pérez Bayer au Portugal: 1782-1783» in *Revista de Historia Moderna*, nº3, Anales de la Universidad de Alicante, 1983, pp. 261-317; «La correspondance Mayáns-Cenáculo. Principaux aspects» in *Arquivos do Centro Cultural Português*, XX, Lisboa-Paris, F.C.G., 233-311; «La correspondance Mayáns-Cenáculo» in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXII, Lisboa-Paris, F.C.G., 483-600. Sobre a importância de Mayans na renovação da parenética, no sentido da adopção de novas formas de persuasão e esquema do sermão, deve ver-se Aníbal Pinto de CASTRO, *Retórica e teorização literária em Portugal. Do humanismo ao neoclassicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973, esp. 536-539.

Francisco de Almeida [1701-1745]², D. António Caetano de Sousa [1674-1759]³, Jerónimo Contador de Argote [1688-1749]⁴ e, sobretudo, com o franciscano, activo colaborador de Pombal, Frei Manuel do Cenáculo [1770-1814]⁵, bispo de Beja e arcebispo de Évora. As missivas trocadas, desde os anos trinta, com D. Francisco de Almeida e, essencialmente desde os anos sessenta, com Cenáculo, focam os temas que sempre interessaram D. Gregorio e dele fizeram um nome fundamental da Ilustração católica⁶, em Espanha, por mais discutível ou «discutido» que o conceito possa ser: a reforma da crítica histórica, a atenção e a revalorização da filologia, a

2 As relações entre D. Francisco de Almeida [1701-1745] e D. Gregorio foram objecto de um estudo pioneiro de Robert Ricard (*Mayans et le Portugal* in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. III, Paris, F. C. G. 1971 688-694). A partir da obra já clássica de Antonio MESTRE (*Ilustración y Reforma de la Iglesia. Pensamiento político-religioso de Don Gregorio Mayans y Siscar* [1699-1781], Valencia, 1968), R.. Ricard evidencia a importância desse intercâmbio intelectual cujo resultado pode avaliar-se, entre outros aspectos, pela edição das *Dissertaciones eclesiásticas* (1747) do marquês de Mondéjar. Ainda de A. MESTRE V. *Gregorio Mayans y Siscar – Epistolario. XIII: Mayans y los libremos*. Valencia, 1993; Recentemente, Manuela D. Domingos estudou a livraria desse fidalgão setecentista, procurando traçar a sua «biografia intelectual» (Manuela D. DOMINGOS, *Erudición no tempo joanino. A livraria de D. Francisco de Almeida* in *O livro antigo em Portugal e Espanha, séculos XVI-XVIII – El Libro antiguo en Portugal y España, siglos XVI-XVIII*, in *Leituras*, Revista da Biblioteca Nacional, Lisboa, S. 3, n°s 9-10, out. 2001-2002, 191-219).

3 Vicente PESET. *Gregori Mayans i la cultura de la ilustración*, Barcelona-Valecia, 1975, 84-90.

4 Vicente PESET, *Gregori Mayans i la cultura de la ilustración*, ed. cit., 84-90.

5 Como já tem sido assinalado pelos estudos sobre D. Gregorio, grande parte da sua correspondência encontra-se na Biblioteca do Colégio do Corpus Christi de Valencia e nos respetivos arquivos municipais (fundo Serrano Morales - Bibl. Mun. de Valencia) e tem vindo a ser publicada pelo Ayuntamiento de Oliva nos até agora dezasseis volumes do *Epistolário* dirig. por A. Mestre. Em todo o caso, as cartas enviadas a Frei Manuel do Cenáculo, T.O.R., juntamente com as de seu irmão D. Juan Antonio Mayans y Siscar guardam-se na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. Marie-Hélène PIWNICK reuniu o conjunto de missivas trocadas entre D. Gregorio e Cenáculo entre 1768 e 1780 e entre o ilustre franciscano e D. Juan Antonio entre 1781 e 1797: «La correspondance Mayans-Cenáculo. Principaux aspects», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, ed. cit. 233-311 e «La correspondance Mayans-Cenáculo» in *Arquivos do Centro Cultural Português*, ed. cit., 483-600). São 101 cartas que a autora transcreve – «J'ai pu mettre au jour 102 lettres, 36 de Cenáculo à Gregorio Mayans, avec 44 réponses, soit 80 en tout pour cette échange, 10 de l'évêque portugais à Juan Antonio, avec 12 réponses, soit 20 lettres pour le deuxième volet de la correspondance, qui couvre la période 1781-1797, et deux lettres ponctuelles de Cenáculo à Juan Antonio, l'une de 1768 et l'autre de 1774» (p. 234). Segundo a mesma autora encontram-se em Valencia 45 cartas de Cenáculo aos irmãos Mayans «et un certain nombre de brouillons des lettres adressées par don Gregorio à son ami portugais, en tout 23. La Bibliothèque Publique d'Évora dispose de leur version définitive, et y ajoute 21 autres lettres, qui ne semblent pas avoir été conservées en Espagne. A la Bibliothèque de l'Académie des Sciences de Lisbonne, il y a 4 lettres de Cenáculo à Mayans, qui sont la répétition de celles qui se trouvent en Espagne, à l'exception de l'une d'entre elles, qui offre une version plus complète, et 1 lettre non répétée ailleurs à Juan Antonio» («La correspondance Mayans-Cenáculo. Principaux aspects» in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XX, ed. cit., 253).

6 A designação «Ilustração católica» ou «Aufklärung» católica - que evidencia a matriz historiográfica alemã a quem se devem as primeiras formulações nos anos 40 do século XX - tem sido objecto de valiosos trabalhos de cujo conjunto devem destacar-se B. PLONGERON (-*Recherches sur l'Aufklärung catholique en Europe occidentale (1770-1830)*- in *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, XVI (1969), 555-605 e *Questions pour l'Aufklärung catholique en Italie* in *il Pensiero Politico*, III (1970), 30-58.), PASSERIN d'ENTREVES, E., *Ricerche sul tardo giansenismo*

jurisprudência, em suma, um «humanismo crítico», o direito natural e das gentes, a história do direito, o acolhimento da denominada «ciencia moderna»⁷.

Contudo, o prólogo que acompanha a reedição, em 1788, da tradução de Frei Diego Navarro (1^a parte, Alcalá de Henares, en casa de Athanasio de Salcedo, 1559) e de Filipe de Sousa (2^a parte, Alcalá, André de Angulo, 1566 – colofon – 1567), das *Crónicas* de Frei Marcos de Lisboa publicada em Valencia, nos prelos da Imprensa de Josef y Tomas de Orga, não pertence a D. Gregorio, mas sim a seu irmão mais novo, D. Juan Antonio, cônego da Catedral de Valencia, que viveu entre 1718 e 1801⁸. Nem poderia de maneira alguma pertencer, pois que D. Gregorio havia falecido em 1781, sete anos antes, portanto, da publicação do texto em causa. A obra de D. Juan Antonio não se aproxima, nem em extensão nem em importância, da de seu irmão mais velho, com quem trabalhou sempre de forma muito próxima, colaborando como uma espécie de discípulo que a cada momento reconhecia e valorizava os trabalhos do mestre⁹. Em todo o caso, parece ser-lhe unanimemente reconhecida, pelos seus contemporâneos, uma particu-

italiano in *Rivista di storia e letteratura religiosa*, III, (1967), 279-313; «Chiesa e cattolicesimo fra riformatori illuministi e stati assoluti» in *Rivista di storia e letteratura religiosa*, XIV (1978), 58-67; Joel SAUGNIEUX (*Foi et Lumières*, Lyon, 1985 e *La Ilustración cristiana española. Escritos de Antonio Tavira (1737-1807)*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1986) e Mario ROSA que sobretudo em *L'«Aufklärung» cattolica (Settecento Religioso. Politica della religione e religione del cuore*, Venezia, Marsilio, 1999, 149-184) discute e teoriza o conceito e a respectiva fecundidade explicativa, recuperando e ampliando o anterior estudo intitulado «Introduzione all'Aufklärung cattolica in Italia», publicado em *Cattolicesimo e Lumi nel Settecento italiano* (a cura di Mario Rosa, Roma, Herder, 1981, 240-278).

7 De entre os estudos fundamentais de A. MESTRE, *Ilustración y reforma de la iglesia*, ed. cit.; *Historia, fuens y actitudes políticas. Mayans y la historiografía del XVIII*, Valencia, 1970; *Infujo europeo y herencia hispánica. Mayans y la ilustración valenciana*, Valencia, 1988; «La historiografía española del siglo XVIII» in *Actas del Congreso sobre Carlos III y su siglo*, Madrid, 1988, vol. I, 21-60; *Don Gregorio Mayans y Siscar entre la erudición y la política*, Valencia, I. Alfons el Magnánim, 1999. Especialmente sobre opções pedagógicas Mariano e Jose Luis PESET, *Gregorio Mayans y la reforma universitaria. Idea del nuevo método que se puede practicar en la enseñanza de las universidades de España*, Valencia, 1975; *Plan de estudios aprobado por S. M. Y mandado observar en la Universidad de Valencia*, II, Centenario del rectorado de Vicente Blasco y García, 1784-1984, Valencia, 1984. Estudios preliminares de L. Esteban, S. Albiñana, M. Baldó, A. Mestre, José Luis Peset., M. Peset.

8 Sobre a personalidade, o labor científico e as obras de D. Juan Antonio é imprescindível a leitura do estudo de Amparo ALEMANY PEIRÓ, *Juan Antonio Mayans y Siscar (1718-1801). Esplendor y crisis de la Ilustración valenciana*, Valencia, Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva, 1994.

9 Amparo A. Peyró mostra, pelo estudo de uma preciosa documentação constituída por um vasto espólio epistolar, a forma como D. Juan Antonio colaborava com D. Gregorio, pesquisando fontes, consultando bibliografia, corrigindo e copiando trabalhos diversos. Mesmo depois da morte do irmão, ocorrida em 1781, Juan Antonio continuou empenhado em divulgar-lhe o nome e a obra, chegando até a iniciar uma biografia (Amparo ALEMANY PEIRO, *Juan Antonio Mayans y Siscar (1718-1801). Esplendor y crisis de la Ilustración valenciana*, ed. cit., 288-289).

10 Amparo ALEMANY PEIRÓ, *Juan Antonio Mayans y Siscar (1718-1801). Esplendor y crisis de la Ilustración valenciana*, ed. cit., passim.

lar competência em tudo quanto dizia respeito à renovação do estudo de fontes, à crítica histórica e sagrada, à numismática e à medalhistica¹⁰. O franciscano Manuel do Cenáculo considerava-o «preciso, seguro» e de «vasta» erudição¹¹.

De resto, os trabalhos publicados, inscritos justamente neste enquadramento, denunciam preocupações, partilhadas por tantos contemporâneos, de antiquário e de filólogo, isto é, de absoluta e completa entrega à crítica «erudita», entendida, simultaneamente, como tratamento científico da documentação e como aplicação à história das regras da razão. Tomemos como exemplo o estudo sobre Elche, terminado em 22 de abril de 1768 e publicado em Valencia, nos prelos de Francisco Burguete, em 1771, intitulado *Illici, hoy villa de Elche, ilustrada con varios discursos*¹², que servirá a D. Gregorio para valorizar os méritos intelectuais do irmão, na candidatura ao canonicato deixado vago pela morte do marquês de Mascarell¹³. Aqui, D. Juan Antonio conjectura sobre a extensão e importância do local, fundando-se em medalhas várias e na história do lugar, embora confiando mais nas fontes documentais que nos testemunhos arqueológicos. Idêntica preocupação de crítica de fontes ocorre na obra intitulada *Notas y observaciones à la division de los Obispados de España, atribuida al Rey Wamba* (1744), que procura provar a falsidade da dita divisão, contribuindo para a *Corografia Eclesiastica* de Espanha, e cujas linhas gerais aproveitou Florez no tomo IV da *España Sagrada*, embora, de acordo com cartas de D. Gregorio, pareça jamais tê-lo agradecido devidamente¹⁴.

Significativa também, sobretudo em termos de orientações eclesiológicas e pastorais, foi a tradução que empreendeu e fez publicar pela primeira vez, em 1770, do jansenizante catecismo do arcebispo de Soissons que parece ter-lhe custado, pelo menos num primeiro momento, a perda do lugar de cónego na Igreja Metropolitana de Valencia, apesar das pressões sobre o confessor do rei, Joaquín de Eleta, solicitadas por D. Gregorio a Frei Manuel

11 Carta de Frei Manuel do Cenáculo a Gregorio Mayans, de Beja, 4-VI-1770, transcrita por M. H. PIWNICK, *La correspondance Mayans-Cenáculo*, ed. cit., 510 («[...] ao Snr D. João Antonio o meo ardente desejo pelos seos ascensos, tão merecido da sua vastíssima erudição e virtude»).

12 Reeditado, com um estudo preliminar de A. Mestre, em 1982 (Alicante-Elche).

13 A. MESTRE (ed.), *Illici, hoy villa de Elche*, ed. cit., estudo introdutorio e Amparo ALEMANY PEIRÓ, *Juan Antonio Mayans y Siscar (1718-1801). Esplendor y crisis de la Ilustración valenciana*, ed. cit., esp. 183-187.

14 As *Notas a la división de los obispados atribuida al rey Wamba*, publicada por A. Mestre (*Historia, fueros y actitudes políticas*, ed. cit.), integram os nove volumes manuscritos da *Historia Espaniola*, ainda inéditos, constituindo o tomo II, o único até hoje editado. Sobre o aproveitamento que dele faz Florez na sua *España Sagrada*, cujas imprecisões D. Gregorio apontou, baseado na leitura atenta de D. Juan Antonio, vejam-se A. Mestre, *Historia, fueros y actitudes políticas*, ed. cit., e Amparo ALEMANY PEIRÓ, *Juan Antonio Mayans y Siscar (1718-1801). Esplendor y crisis de la Ilustración valenciana*, ed. cit., 131-155, e José F. ALCARAZ GÓMEZ, *Jesuitas y reformismo. El Padre Francisco de Rábago (1747-1755)*, Valencia, 1995, 562-568.

do Cenáculo, ao tempo personalidade poderosa do consulado pombalino¹⁵. No conjunto da correspondência trocada entre o mais velho dos irmãos Mayans e Cenáculo existe uma carta, datada de 12 de Julho de 1773, em que o franciscano português se desculpa por não ter escrito directamente ao confessor: «Não me era proporcionado escrever imediatamente ao Senhor confessor de Sua Majestade Católica, porque jamais tive a honra de o conhecer. Solicitei nesta Corte Pessoa que tivesse proporção de escrever a Madrid com a efficacia digna de hum despacho favoravel, e athe ao presente não recebi resposta categorica, e ja me da cuidado esta inacção, porque certamente dezojo concorrer para quanto seja de v. S. Ilma, e farei em todas as circunstancias da minha possibilidade»¹⁶. As pressões exercidas, estas ou outras, deverão ter surtido algum efeito, pois que, em 1774, Juan Antonio obtem, finalmente, o canonicato, não sem que antes Pérez Bayer, o conhecido preceptor do Infante Gabriel, tenha feito eleger o irmão. Em 1775, D. Juan Antonio ascenderá ao reitorado da Universidade de Valencia, de onde travará uma longa e aguerrida polémica sobre o ensino da Gramática Latina, com o arcebispo tomista Fabián y Fúero, esse, nas palavras de D. Gregorio, «enemigo publico de la verdadera sabiduria»¹⁷.

Tanto quanto sabemos, os estudos e repertórios bibliográficos não se detêm, nem tão-pouco referenciam, em alguns casos, a introdução que D. Juan Antonio redigiu para esta reedição das *Cronicas de Frei Marcos de Lisboa*. E, no entanto, o prólogo em causa, se bem que obedecendo aos dispositivos retóricos orientados para a sedução do leitor, revela-se um verdadeiro programa em que confluem as linhas mestras que travejam a formação e a acção intelectual de Juan Antonio, bem próximas, aliás, das de D. Gregorio, insistindo num esforço de renovação da Igreja que se prende, a par e passo, à revalorização da cultura clássica e ao regresso às fontes, como dimensão de um humanismo cristão que encontra os seus modelos em Vives e Frei Luis de Granada, autores que ambos tanto apreciavam.

15 Carta de 12-V-1770: «[...] pero un Ilmº Sr. Obispo de Beja, que es amado i respetado de todos. puede manifestar sin nota alguna el gusto que ha tenido de saber tal propuesta, para que solo este indicio de buena voluntad sea eficaz recomendacione que facilite a mi hermano el logro de esta prebenda.» (Transcrição de M. H. PIWNIK, *La correspondance Mayans-Cenáculo*, ed. cit., 509. Ver ainda a missiva de D. Gregorio enviada a Fr. Juan Lutre, examinador geral dos franciscanos: «En nombre de mi hermano Juan Antonio, que está en Oliva, embí a V. Rua, la traduccoón del *Catecismo* del célebre obispo de Soissons, Francisco de Fitz-James, que es el cuerpo de su gran delito (de ahí la oposición a hacerle canónigo) por aver hecho spañol un catecismo herético y specialmente jausenista», (G. Mayans a Fr. Juan Lutre, 3-VIII-1770, BMV, Serrano Morales 7272:37).

16 Carta de 12-VII-1773 (M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayans-Cenáculo*, ed. cit., 531).

17 Carta de D. Gregorio a Frei Manuel do Cenáculo de Valencia 27-XII-1774; (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayans-Cenáculo*, ed. cit., 541).

A «história» da edição

Para conhecer com a precisão possível a «história» desta edição, a última do século XVIII, em Espanha, nesse ano que viu morrer Carlos III, haverá que recorrer à já citada correspondência com Frei Manuel do Cenáculo, guardada em Évora e Valência e já parcialmente editada, como referi. As cartas de D. Juan Antonio, todas autógrafas, continuam depois da morte de D. Gregorio, embora com menor frequência. Integram interessantes considerações sobre os cuidados editoriais de D. Juan, notícias do mundo literário, impressões sobre acontecimentos e personalidades. Limitemo-nos, por agora, às informações que permitem seguir o percurso da edição em causa. Em carta de 6 de Janeiro de 1787, D. Juan Antonio diz saber que os padres capuchinhos da província de Valencia «piensan en reimprimir las Chronicas de Frai Marcos de Lisboa, si no lo han empezado a hacer»¹⁸. Cenáculo, por esses anos, já em Beja, depois da queda em desgraça de Pombal, em 1777, congratula-se, em carta de 31 de Maio do mesmo ano, com a notícia, respondendo que celebra «que os p. Capuchinhos tentem a impressão de Frei Marcos de Lisboa»¹⁹.

Em 13 de Setembro de 1788, Juan Antonio afirma que o primeiro tomo já estava impresso e que tinha um exemplar que Frei Manuel poderia mandar recolher em Madrid²⁰. Conta que a «resurrección» das Crónicas se deve a Frei Andres de Valdigna, capuchinho, que considera «el sugeto mas eloquente i docto que ai en este pueblo»²¹.

Cedendo ao tópico da «modéstia afectada», D. Juan Antonio entende que Valdigna só errou em escolhê-lo como autor do prólogo, pedido a que acedeu, em nome da amizade que o capuchinho nutria pelo irmão. Penitencia-se por não ter tido tempo para pedir a leitura prévia de Cenáculo, sublinhando que «Quando se encargan estos trabagitos dan grandes prissas, i despues ai muchas largas. Quisiera yo que esta pieza huviesse salido despues de vista i corregida por V: S: IL^a, porque este pueblo está de modo que no ai con quien comunicar estos assuntos, tan malsinado está con las cizañas Escolasticas, o lhameñe Academicas.»²².

18 Carta de Valencia de 6-I-1787 (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 593).

19 Carta de Beja de 31-V-1787 (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 594).

20 Carta de Valencia de 13-IX-1788: «Ha llegado la hora de estar impresso el tomo I. De la Chronica de los Menores de Frai Marcos de Lisboa, cuyo despacho ha de facilitar que salgan los dos tomos siguientes, i mi Agente D. Miguel Rubio de Pradas, que vive en Madrid, en la calle de los abades, n.º 13, tiene un exemplar que V. S. Ilmº mandará recoger.» (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 597).

21 Carta de Valencia de 13-IX-1788 (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 597).

22 Carta de Valencia de 13-IX-1788 (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 597).

Em 4 de Fevereiro de 1789, Cenáculo agradece a dignidade com que D. Juan «falla deste Peninsulano», isto é, de Frei Marcos, e diz respeitar «a erudição com que delle escreve que certamente a outrem seria muito difficultozo dizer tanto, mas a sua licção e bibliotheca são duas coisas raras»²³. Entende que a Crónica está bem «vestida» e vai juntá-la às antigas que possui, sublinhando que «[...] o pensamento de repetirmos todos, daqui e dali, as Edições de quinhotos, he nobre, honrado e muito util»²⁴.

Em 2 de Junho de 89, D. Juan Antonio informa que o segundo tomo está a imprimir-se e que «todo caminhará poco a poco, por ser una hacienda del impressor [...] quando falta alimento a la prensa»²⁵. A carta sugere, pela falta de informações, a lentidão e as dificuldades de impressão, confiando em que «el averse recebido bien la primera sera causa de que se lheve todo a su conclusion»²⁶. Depois desta missiva existe, no conjunto que temos vindo a referir, apenas mais uma de D. Juan Antonio para Frei Manuel do Cenáculo. Entre a última citada e esta, datada de 1 de Abril de 1797, medeiam quase oito anos. Contudo o irmão de D. Gregorio não volta a mencionar as Crónicas de Frei Marcos, embora por esses anos já tivesse sido editado o tomo segundo (em Valencia, pelos mesmos Hermanos de Orga, em 1794).

Apesar da escassez de informações, a troca de correspondência entre D. Juan Antonio e Frei Manuel do Cenáculo esclarece alguns dos cenários que envolveram a reedição em Espanha, a última, da editadíssima crónica de Frei Marcos²⁷. Parece claro, de acordo com as missivas citadas, que a «resurrección» do texto do franciscano português não resultou do empenhamento directo do valenciano que se deve ter limitado a aceder ao pedido de Andres de Valdigna, o capuchinho que se afigura o verdadeiro responsável pela impressão. Andres de Tabernes de Valldigna (25-XII-1716 / 23-VIII-1805) chamou-se, no século, Manuel Miguel Esteban Estruch y Grau e nasceu justamente em Tabernes de Valldigna. Ingressou na província capuchinha de Valencia em 13 de Novembro de 1731. Foi leitor de filologia e teologia.

23 Carta de Beja de 4-II-1789 (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 598).

24 Carta de Beja de 4-II-1789 (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 598).

25 Carta de Valencia de 2-VI-1789 (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 599).

26 Carta de Valencia de 2-VI-1789 (transcrição de M.-H. PIWNIK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 599).

27 José Adriano de Freitas CARVALHO, «As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Frei Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado» in *Quando os frades faziam história*, anexo de *Via Spiritus*, Porto, CIUHE, 2001, 5-73, V. O número de edições da Crónica em Fr. Marcos de LISBOA, *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, Porto, FLUP, 2001.

guardião de Múrcia (1758) e Monóvar (1764), duas vezes primeiro custódio geral (1755 e 1770), duas vezes definidor provincial (1761 e 1767) e uma ministro provincial (1773). Foi ainda qualificador do Santo Ofício e examinador sinodal do arcebispado de Valencia e académico da Real Academia de San Carlos de las Nobles Artes de Valencia²⁸. Tido como um estrénuo defensor da observância, Andres de Valdigna parece ter-se dedicado particularmente à parenética, tendo alcançado fama como pregador. De acordo com o testemunho de D. Juan Antonio, este capuchinho tinha mantido relações de amizade com D. Gregorio, circunstância que certamente o teria influenciado na escolha do autor do prólogo. As alegações do valenciano atribuem, sem margem para dúvidas, a responsabilidade da reimpressão a Andres de Valdigna, circunstância que a identificação do impressor desta edição das *Crónicas* parece corroborar, pois que José y Tomas de Orga é também o prelo escolhido por Frei Andres para um sermão pronunciado por alma de Carlos III, precisamente em 1789, o ano seguinte à edição do tomo primeiro, e para a edição em três volumes dos seus *Sermones quadragesimales*, em 1806. Para Andres de Valdigna, que tinha tido um papel importante no capítulo geral, decorrido em Roma, em 1775, e a que tinha assistido na qualidade de ministro provincial, o texto de Frei Marcos, «história da observância da regra de S. Francisco», representava certamente, de um ponto de vista simultaneamente pragmático e simbólico, a necessidade de regressar à «pureza» original, num tempo em que as ordens religiosas se iam tornando, cada vez mais, motivo de críticas diversas. Não deixa de ser curioso, todavia, que Frei Manuel do Cenáculo, que havia estado no capítulo de Valencia, em 1768,²⁹ tendo sido eleito Definidor Geral da ordem na Península Ibérica, embora congratulando-se com a reedição das *Crónicas*, não tivesse manifestado nenhum sinal de reconhecimento face

28 Com excepção de PALAU y DULCET. A., *Manual del Librero hispano-americano*, Barcelona y Londres, 1925. Tomo 25, 27, os repertórios bibliográficos ignoram Andres de Valdigna. Palau cita três sermões – *El buen Rey [...] por el alma de Carlos III*, Valencia, José y Tomas de Orga, 1789; *El Pastor solicito [...] en la [...] beatificación del Beato Juan de Ribera*, Valencia, Imprenta del diario, 1797; *Sermón predicado en el triduo [...]*, Valencia, Benito Monfort, 1797; – e uma recolha de *Sermones quadragesimales*, Valencia, José de Orga, 1806. As informações que conseguimos encontrar sobre este capuchinho devemo-las à biblioteca dos capuchinhos do Porto e à disponibilidade e gentileza do P. Arantes, que muito agradecemos, e que permitiu aceder ao catálogo elaborado pelo P. Emilio SOLANA, O.F.M. cap., *Escritores de la provincia capuchinha de Valencia. Ensayo bibliográfico (Impresos de 1596-1962)*, Valencia, – curia Provincial de Capuchinos, 1963, 20.

29 Francisco Trigoso d'Aragão MORATO, «Elogio histórico do Excelentíssimo e Reverendíssimo D. Fr. Manuel do Cenáculo arcebispo de Évora, recitado na Assembleia Pública da mesma Academia, de 24 de Junho de 1814», in *História e Memórias da Academia Real das Ciencias de Lisboa IV*, I, 1815 – LXXV; V. J. MARCADE, *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, évêque de Beja, archevêque d'Évora (1770-1814)*, Paris, F.C.G. – C.C.P., 1978, 33; Francisco da Gama CAEIRO, *Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*, Lisboa, 1959.

ao nome de Andres de Valdigna, de quem D. Juan Antonio havia feito um rasgado elogio.

O prólogo: o regresso às fontes.

Apesar da pressa que D. Juan Antonio afirma ter enquadrado a redacção do prólogo – será ela apenas apenas mais um tópico? – o texto merece atenção, ou não fosse ele um testemunho de uma leitura «ilustrada» das Crónicas quinhentistas do frade português.

Considerando que S. Francisco, com a «sua humildad profunda, pobreza evangélica e caridad abrasada»³⁰, renovou virtudes como a humildade e a pobreza, D. Juan Antonio acentua que as acções dos seus filhos merecem conservar-se na memória dos homens como modelo a imitar tanto por religiosos como por leigos, atribuindo às crónicas de Frei Marcos uma primordial dimensão utilitária – a história como lição – que se fixa na exemplaridade de vida de muitos dos modelos propostos. O próprio Frei Marcos é retratado, por um lado, como um «erudito insigne», sabendo na perfeição o Latim, o Grego e o Hebraico, como exemplo de um século, o XVI, em que os estudos «floresciam»³¹; por outro, como um religioso exemplar que em nome do aproveitamento das almas preferiu a carreira da pregação à das letras e sempre havia desdenhado cargos e louvores, tendo passado à reformada província de Santo António, de que foi segundo Provincial, sobressaindo pela modestia do semblante, pela parcimónia da comida, pela observância do silêncio, pela mortificação dos sentidos corporais e pela assistência aos ofícios divinos de dia e de noite.

Tendo como fonte, com toda a certeza, a *Historia Seraphica* de Fernando da Soledade³², publicada em 1721, D. Juan Antonio acolhe a versão de que a Frei Marcos teria sido oferecido o bispado de Miranda, em consequência do desaguisado do rei com D. António Pinheiro, bispo da diocese, e de que, finalmente, Filipe II, tido por D. Juan Antonio «como muy atinado en la elección de los Obispos»³³, o fez bispo do Porto, cargo em que foi consagrado em 21 de Janeiro de 1582.

³⁰ *Primera Parte de las crónicas de la óeden de los frayles menores del seráfico Padre S. Francisco su instituidor y primero ministro general, que se puede llamar Vitas Patrum de los menores cuenta de los principios y primeros Santos Padres desta Sagrada Religion. Nuevamente copilada y ordenada de los antiguos libros y memoriales de la óden por Fray Marcos de Lisboa Fryle Menor de la Provincia de Portugal y traducida en lengua castellana por Fray Diego Navarro profesor de la misma orden de la provincia de Castilla, En Valencia, En la Imprenta de Josef y Tomas de Orga, Año de M.DCC.LXXXVIII. «A Quien Leyere», fol.17.*

³¹ *Cronica*, ed. cit., «A quien Leyere», fol. 21: «Como Fray Marcos era insigne humanista, mereció que andres de Resende houresse este volumen con un poema Llatino mui elegante».

³² Fernando da SOLEDADE, *Historia seraphica da óeden dos frades menores de S. Francisco da provincia de Portugal. Quinta Parte*. Lisboa, Officina de Antonio Pedroso Galrão, 1721.

³³ *Cronica*, ed. cit., «A quien leyere», fol. 18.

Se bem que no prólogo o irmão de D. Gregorio se empenhe em dar a conhecer a figura e as acções de Frei Marcos como estratégias de sedução do leitor, evidenciando a exemplaridade do retrato traçado, o discurso orienta-se para o sublinhar de duas dimensões essenciais: por um lado, a actuação como bispo, por outro, a sua dimensão de homem de letras. E se, no primeiro caso, Marcos de Lisboa se revelou um prelado modelar, pastor vigilante das suas ovelhas, conservando a pobreza e humildade da «religião franciscana», envergando vestido remendado, ainda que limpo, mesa parca, gastando as rendas eclesiásticas em socorrer os pobres e em aumentar o património da catedral, encomendando livros de coro em caracteres grandes, edificando a quinta do Prado, a aula do Cabido e actuando sempre como «pastor gravíssimo, vigilante, sabio e piedoso»³⁴, no segundo, D. Juan Antonio concede especial atenção às linhas que definem e estruturam o labor historiográfico de Frei Marcos de Lisboa, valorizando o trabalho de recolha de fontes e, muito especialmente, a tradução e edição, no contexto das *Crónicas* e autonomamente, de muitas obras franciscanas – cuja história e percurso procura traçar exaustivamente –, imagem de uma intensa actividade intelectual em prol da divulgação do percurso da sua ordem, da fidelidade à história e às suas fontes e da renovação da espiritualidade.

Não surpreende que D. Juan Antonio apreciasse particularmente essa dimensão de «editor» e divulgador de textos, ele que tinha escrito numa carta a Frei Manuel do Cenáculo que «los adelantamientos de las letras estan fundadas en la magnificencia de las impressiones»³⁵ e que se extasiava, numa outra, perante «las magnificas ediciones que D. Eugenio Lhaguno ha hecho de las Chronicas de los Reyes de Castilla[...]»³⁶. Neste contexto, presta especial atenção às traduções atribuídas a frei Marcos, aproveitando para precisar informações sobre diferentes obras. Face à referência da tradução de «Las perfecciones de las vidas de los Santos del Viejo, i Nuevo testamento enderezado para las virtudes christianas, i muestra de la gloria de nuestro señor y de sus Santos, i gran consuelo, i enseñanza de todos los christianos» de Marcos Marulo, publicada em Lisboa, em 1579, afirma não existir tradução castelhana³⁷. Anota as edições de textos, autênticos ou apócrifos, de S. Boaventura³⁸, aproveitando o ensejo para fornecer indicações sobre

34 *Cronica*, ed. cit., «A quien leyere», fol. 18.

35 Carta a Frei Manuel do Cenáculo, 9-V-1785 (transcrição de M.-H. PIWNICK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 587).

36 Carta a Frei Manuel do Cenáculo, 9-V-1785 (transcrição de M.-H. PIWNICK, *La correspondance Mayáns-Cenáculo*, ed. cit., 588).

37 *Cronica*, ed. cit., «A quien leyere», fol. 22.

38 José Adriano de CARVALHO, «As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Frei Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado» in *Quando os frades faziam história*, ed. cit., 16; *Das edições de S. Boaventura em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII. Semântica de uma influência na história da espiritualidade portuguesa* in A. I. A., XLVII (1987), 131-159.

a existência de traduções castelhanas. Alude, provavelmente por informação de Nicolás António, à tradução inédita de uma *Vida de la Beata Sor Coleta*³⁹ que alega conservar-se manuscrita na livraria do duque de Lafões e que teria vindo dos livros do Cardeal de Sousa. De resto, este «Prólogo» é, verdadeiramente, um significativo documento que desenha o cronista e o bispo Marcos de Lisboa pelos olhos e pela pena de um erudito valenciano do século XVIII, que fez das orientações galicanas um caminho de «humanismo cristão», no respeito pela pureza das fontes, pelo recurso à crítica de documentos, pelo combate, em que acompanhou D. Gregorio, em prol dos estudos das línguas da antiguidade, com o único fim de favorecer a compreensão das Escrituras no seu texto original. Sendo o grego a língua do Novo Testamento e o hebreu a do Antigo, os irmãos Mayáns bateram-se pelo restabelecimento das respectivas cátedras: «Pues la lengua hebrea quien no sabe que murió con el doctor Benito Arias Montano, i la griega, pocos años ha, con don Manuel Martí dean de Alicante? Pues sin el debido conocimiento de las lenguas eruditas, quién creerá que se pueden entender bien los libros más eruditos escritos en ella? Como se podrá saber originalmente? Como se escribirá contra los hereges tan versados en ellas?»⁴⁰.

Certamente por tudo isto, Frei Marcos é apresentado ao leitor, em conformidade com o retrato modelar que podia servir de paradigma a um religioso, ou sobretudo a um prelado «ilustrado», como um «homo trilinguis», como se essa fonte original pudesse continuar a brotar depois de esgotada durante tanto tempo. E, no entanto, esse saber de Frei Marcos de Lisboa não pode confirmar-se à luz dos estudos mais recentes⁴¹. Se há provas da sua competência na língua de Cícero, longe contudo das perfeições humanísticas⁴², elas faltam, todavia, pelo que diz respeito ao grego e ao hebraico. Para D. Juan Antonio, porém, que aproveitou seguramente as informações de Fernando da Soledade, na *Historia Seraphica*, essa

39. Como é sabido – basta lembrar as questões suscitadas pela publicação da *Censura de histórias fabulosas* de Nicolás António – D. Gregório e D. Juan António admiravam particularmente a actividade deste erudito. No tomo segundo da *Biblioteca Hispana Nova* (Madrid, 1788, 85), N. António alude, justamente, à existência de um manuscrito referido por Jorge Cardoso, V. Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *A biblioteca de Jorge Cardoso († 1669) autor do «Agiológio Lusitano». Cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*, Porto, 2000, 238. Sobre esta Vida e a probabilidade de ter sido editada uma com título idêntico ver José Adriano de CARVALHO, *As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Frei Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado* in *Quando os frades faziam história*, ed. cit., 34-35 e esp. nota 109.

40. «Carta de D. Gregorio Mayans y Siscar», in MAYANS y SISCAR, *Epistolario*, Valencia, 1990.

41. José Adriano de CARVALHO, «As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Frei Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado» in *Quando os frades faziam história*, ed. cit., 9-10.

42. José Adriano de CARVALHO, «As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Frei Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado» in *Quando os frades faziam história*, ed. cit., 10.

condição de perito trilingue traduz a inclinação de Marcos de Lisboa para as *bonae litterae* que o habilitariam a tratar com rigor as fontes históricas e o apetrechariam para exercer com eficácia as funções de Provincial e Prelado, marcando a diferença face a bispos contemporâneos de D. Juan, valha o exemplo do arcebispo Fabián y Fúero, acusado por D. Gregorio, em 1775, de «falta de principios de las buenas artes y ciencias, mero escolastico, sin lectura de los concilios y de los Santos Padres, encaprichado con pertinacia en sus antojos, persuadido a que ha de ser el reformador de las letras». Por outro lado, a já citada correspondência com Cenáculo, que se havia empenhado na reforma de estudos da sua ordem, publicada em 1769⁴³, batendo-se pelo estudo do latim, do grego, do hebraico e do árabe, assumindo a herança dos mauristas, evidencia o apreço que o valenciano tinha por uma ordem, a dos filhos de Francisco de Assis, que, em tempos que se adivinhavam já difíceis para as congregações religiosas em geral, procurava restaurar uma primitiva pureza observante que as Crónicas de Frei Marcos poderiam ilustrar, na medida em que também eram a história da vitória da observância sobre a conventualidade⁴⁴.

Questões fundamentais em tempos que iam assistindo, com insistência acrescida, ao velho debate, agora relançado com outro vigor, sobre a «decadência» das ordens religiosas que uns consideravam necessitarem de urgente reforma e outros acusavam de excessivo peso social e de pouca ou nenhuma funcionalidade no contexto da república. Desse ponto de vista, o elogio feito a Frei Marcos, se fornecia uma leitura que muitos continuavam a achar bem mais útil que as das novelas que atravessavam o século, projectava do século XVI para o XVIII a figura ideal de um prelado «ilustrado», erudito e útil, cujo saber permitia simultaneamente a publicação de obras e uma piedade despojada, comprehensivelmente apreciada pelo «cristianismo esclarecido», de matriz anti-jesuíta, de Juan Antonio Mayans y Siscar.

43 Frei Manuel do CENÁCULO, T.O.R., *Disposições do Superior Provincial para a observância regular e literária da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco d'estes tempos, feitas em os annos de 1769 e 1770*, Lisboa, Régia Officina typografica, 1776. V. J. MARCADÉ, *Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas: évêque de Beja archevêque d'Évora*, ed. cit., 16-27.

44 José Adriano de CARVALHO, «As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Frei Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado» in *Quando os frades faziam história*, ed. cit., 60-73.